

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Salgada**

código  
AVII – FO1 – Ita

localização  
Antiga estrada que ligava Laje do Muriaé a Itaperuna

município  
**Itaperuna**

época de construção  
**segunda metade do século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**fazenda de gado / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Salgada, fachada principal da sede

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – março/abril 2010**  
equipe **Vítor Caveari Lage, Jean Carlo Rabelo Ferreira, Lia Márcia de Paula Bruno, Pedro Paulo Pascotto Bastos e Vera Lúcia Mota Gonçalves**  
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – mai 2010**



situação



ambiência

O acesso à Fazenda Salgada pode ser feito pela RJ-116, que liga Itaboraí a Laje do Muriaé (f01), seguindo por uma bifurcação na altura do km 256, através da RJ-210, que é mais conhecida como a antiga estrada para Itaperuna. Prosseguindo em direção ao centro de Itaperuna, através do distrito de Itajara, passa-se pelo povoado de São Mateus (f02), que se constituía numa antiga parada de ônibus muito utilizada antes da construção da RJ-116. No percurso, observam-se diversas propriedades rurais, além da Escola Bom Jesus de Vargem Alegre. Distando 14 km do leito da estrada, avistam-se as instalações da fazenda. Logo na entrada, à direita, destaca-se um antigo moinho de fubá de pedra, movido à água, em pleno funcionamento, que por si só é um grande atrativo (f03, f04 e f05). Trata-se de uma construção do final do século XIX com paredes de pau a pique, assoalho de madeira, cobertura em quatro águas com telhas do tipo capa e canal e arrematado em seu interior por uma peanha de madeira, característica que a diferencia das demais construções da região.



01



02



03



04



05

Outra opção de acesso é através da mesma estrada vicinal partindo do bairro de Niterói, em Itaperuna. Por esse caminho, após 18 km, alcança-se a sede da fazenda.

Do lado direito do mata-burro, que delimita a entrada da propriedade, está situado o pequeno cemitério que possui poucos túmulos (f06). Mais adiante, localizam-se a Igreja de São José, edificada em 1956 (f07), seguida da Escola Municipal Adelino Garcia Bastos (f08), da serraria, casas de colonos, tulhas, curral (f09). Outras edificações, dispostas em ambos os lados do acesso e mais próximas à casa-sede, formam um pequeno aglomerado (f10).

No passado, esse casario abrigava usos como venda, farmácia e até mesmo, mais recentemente, um cinema, fazendo da propriedade uma pequena vila. Em seguida, observa-se a casa-sede implantada no alto de uma elevação dominando toda a paisagem, podendo ser avistada desde a entrada da propriedade (f11). O acesso se dá pelo lado esquerdo, através de uma rampa calçada com paralelepípedos (f12), e pelo lado direito, por uma escadaria com guarda-corpo de alvenaria (f13). Ao lado da ala de serviços da sede, está localizada a casa do administrador e uma casa de bonecas para crianças.

Seguindo pela estrada que passa em frente à casa-sede, observa-se o antigo terreiro de café de onde ainda é possível vislumbrar parte da banqueta suspensa que conduzia água para os lavadores de café (f14 e f15). Mais adiante, situa-se outro curral, antigas sevas e mais casas de colonos abandonadas e sem cobertura (f16).



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15

Logo à frente, está situado o “bicão” (f17), como é conhecido o tubo de ferro com diâmetro generoso utilizado como desvio de água do grande açude (f18 e f19), que fica localizado num morro atrás da casa-sede e onde também se encontra o pomar da fazenda. Essa água do “bicão” forma um açude menor e é utilizada como ducha por moradores e visitantes que procuram a fazenda como local de lazer nos quentes finais de semana de verão. A água desse açude, construído há cerca de quinze anos e que abastece a casa-sede, nasce na mata perto do bambuzal. Outros atrativos dessa área são os dois carneiros hidráulicos ainda em funcionamento (f20). Além desse açude, há outro mais acima, que possui uma escada com dezessete degraus submersos, através dos quais se pode alcançar o seu interior.



16



17



18



19



20

A casa-sede possui a fachada principal edificada sobre porão alto, onde provavelmente esteve instalada a antiga senzala (f21), sendo que as fachadas laterais acompanham as declividades naturais do terreno (f22). O bloco principal, onde estão localizadas as salas e parte dos quartos de dormir, possui planta retangular (f23).



21



22



23

Do lado direito, está localizada outra ala de quartos e o que deveria ter sido, no passado, o escritório da fazenda. É neste trecho que está localizada a escada de acesso principal da casa (f24). Do lado esquerdo, fica a ala de serviços da residência, com cozinha, despensas, sala de almoço, dependências para empregados, tanques e área coberta para os serviços domésticos, como a fabricação de queijos, requeijão e abate de aves e pequenos animais (f25). Entre as fachadas laterais e a fachada principal, existe um pátio central aberto (f26). A casa-sede é protegida por um extenso muro de pedra (f27) que fica na beirada da estrada, com canteiros gramados e com alguns coqueiros e palmeiras, além de uma fonte desativada (f28). Mais acima, há uma mureta com pilares de alvenaria entremeados com peças de madeira que fazem o isolamento do terreno (f29).

A frente e a lateral direita da casa-sede são gramadas, e o passeio, pavimentado com pedras, destacando-se os contornos que delimitam o passeio, executados com pedras pontiagudas. No final do caminho lateral, há uma pequena gruta embutida no muro e um pequeno tanque (f30).

Do lado direito da casa-sede, transpondo a mureta, podemos observar um extenso alicerce de pedra seca, que abrigava, no passado, uma casa de morada, provavelmente, de uma das filhas de algum dos proprietários da fazenda (f31).

A fachada principal possui dez janelas de duas folhas, lisas e enrelhadas com vergas retas, pintadas na cor azul-celeste (f32). Em recente reforma, o proprietário retirou as janelas externas, de abrir, de folhas de madeira com vidros, introduzidas, provavelmente, entre as décadas de 1930 e 1940, durante uma das muitas reformas realizadas na casa. Internamente, ainda é possível ver algumas bandeiras sobre as portas lisas de duas folhas, com vidros coloridos que reportam a essa época (f33).



24



25



26



27





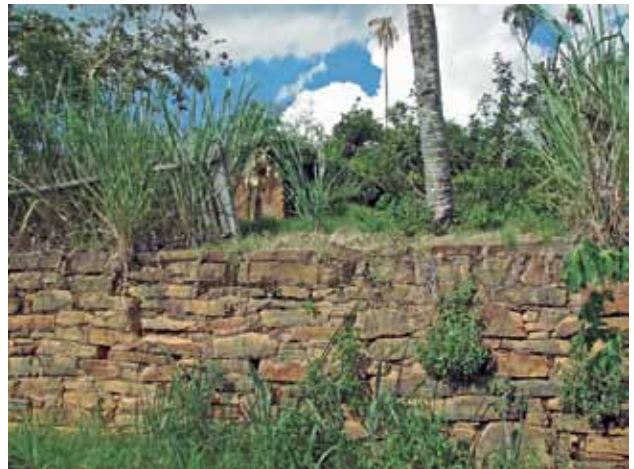
28



29



30



31



32



33

As janelas da copa que dão para o pátio interno são do tipo guilhotina com caixilhos de vidro (f34). A cobertura em quatro águas possui telhas de cerâmica, do tipo capa e canal, arrematado por pronunciada cimalha de madeira, que termina com um friso de madeira pintado de vermelho (f35).

O acesso principal é feito pela fachada lateral direita através de uma escada de alvenaria com guarda-corpo cheio (f13).

A casa possui treze quartos, quatro salas, cozinha, despensa, depósitos, além de três quartos para empregados e cinco banheiros. Grande parte das paredes ainda é de pau a pique (f36).

O assoalho, do tipo paralelo, ainda é primitivo (f37). O forro, que já foi substituído por mais de uma vez (f38), guarda resquícios do projeto original da construção, como a grande sanca que circunda toda a sala de visitas (f39).

Muitas intervenções foram realizadas pelos proprietários da fazenda ao longo dos anos, como, por exemplo, uma barra de argamassa texturizada existente no corredor, que liga a entrada ao corpo principal da casa (f40), uma porta de correr de estrutura metálica com vidro na sala de jantar (f41), outra porta dobrável na sala de visitas (f42), um lavabo na copa (f43), banheiros (f44), a pavimentação e a mureta de tijolos vazados no pátio interno (f45) e uma grande piscina construída nos fundos da casa, características marcantes das décadas de 1950 e 1960 (f46).



34



35



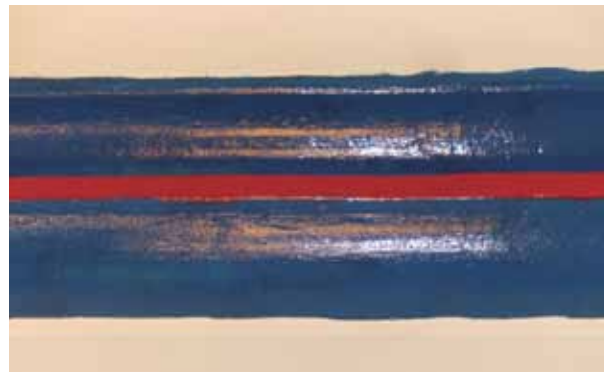
36



37



38



39



40



41



42



43

De pé direito muito alto dividido em dois grandes salões, o magnífico armazém (f47) chama atenção de todos os que chegam à fazenda, sobretudo por seu enorme telhado. O cômodo da parte da frente era todo assoalhado, possuía duas janelas e uma porta de grandes dimensões. O de trás possui chão de terra batida, onde se acha instalado um antigo engenho de cana (f48). Era nesse ambiente que funcionava o cinema da fazenda.



44



45



46



47



48

O imóvel que abrigava a antiga venda da fazenda e a casa do administrador, apesar de já ter sofrido algumas intervenções, como um acréscimo de alvenaria com cobertura de laje na parte da frente da construção, merece registro (f49). Construído em pau a pique, possui telhado de quatro águas, arrematado por uma grande cimalha de madeira, nos mesmos moldes da casa-sede, o que indica ter sido construída ainda no século XIX (f50). A casa que serviu como farmácia e residência do farmacêutico também é digna de registro, porque permite uma leitura das modificações ocorridas já no século XX, facilmente identificadas no detalhe do arco de entrada da pequena varanda, influenciado pelo gosto *art déco* (f51).



49



50



51

A casa-sede está passando por uma reforma. Grande parte da antiga forração está sendo substituída por novo forro de madeira, bem como está sendo recuperado todo o madeirame do telhado e substituídas as telhas quebradas (f52 e f53). A parte externa e alguns cômodos internos, além de portas e janelas, já receberam revestimento em pintura. Os assoalhos das salas principais e de alguns quartos receberam demãos de tintas – amarela e vermelha – adicionadas à cera. Observando-se o porão, é possível verificar que foram utilizados dois tipos de madeiras em sua composição, garantindo à construção um diferencial no resultado obtido com o efeito claro/escuro (f54).

Foram mantidos os ladrilhos hidráulicos da copa e da cozinha (f55 e f56), e executada a recuperação do forro e da divisória de régua de madeira enviesadas existentes na cozinha (f57 e f58).



52



54



53



55



56



57

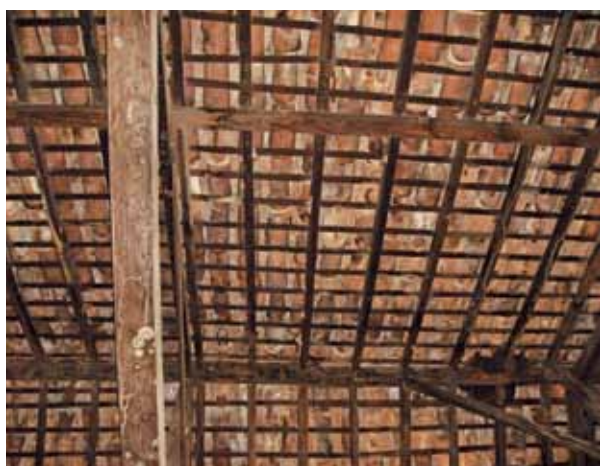


58

No armazém, um trecho do assoalho de madeira foi retirado, assim como parte da parede da fachada principal, onde se achava instalada uma das janelas, para servir de garagem para máquinas e veículos da fazenda (f47). Observa-se a necessidade de vistoria em todo o telhado, possivelmente exigindo a substituição de algumas peças de madeira, como caibros, terças e ripamento, além de desinfestação de insetos do tipo xilófagos, como os cupins (f59).

A antiga venda – que hoje funciona como residência do administrador –, além das demais construções da fazenda, necessita de reparos, substituição de algumas peças de madeira da cobertura, limpeza e pintura da alvenaria. Destaca-se pela sua espessura e dimensão o contra-barrote, que é uma grande peça de madeira que sustenta os barrotes do assoalho da construção (f60).

A antiga farmácia é a construção do conjunto de edificações da fazenda que está em pior estado de conservação. Algumas paredes, parte da cobertura e do assoalho desabaram, além de se constatar a presença de insetos xilófagos nas peças em madeira (f61).



59



60



61



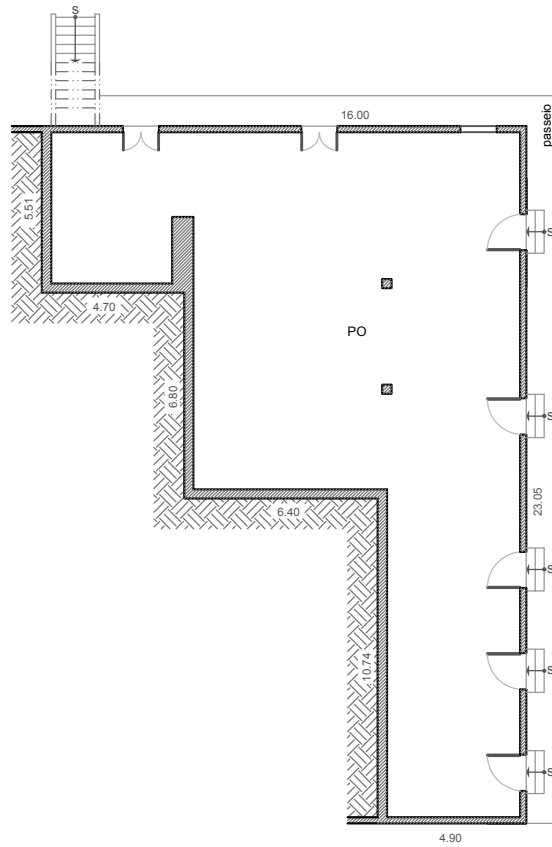
### FAZENDA SALGADA



**1** Implantação  
escala: 1/3000  
0 10 20 50

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AVII - F01 - Ita		<b>1/3</b>
equipe: Marcelo S. de Martino/ Vitor C. Lage/Lia Márcia de Paula Bruno	desenhista: Jeancarlo Rabelo Ferreira	revisão: Francyla Bousquet	data: abril 2010	

**FAZENDA SALGADA**



**1** Planta Baixa da Sede - Porão

escala: 1/250

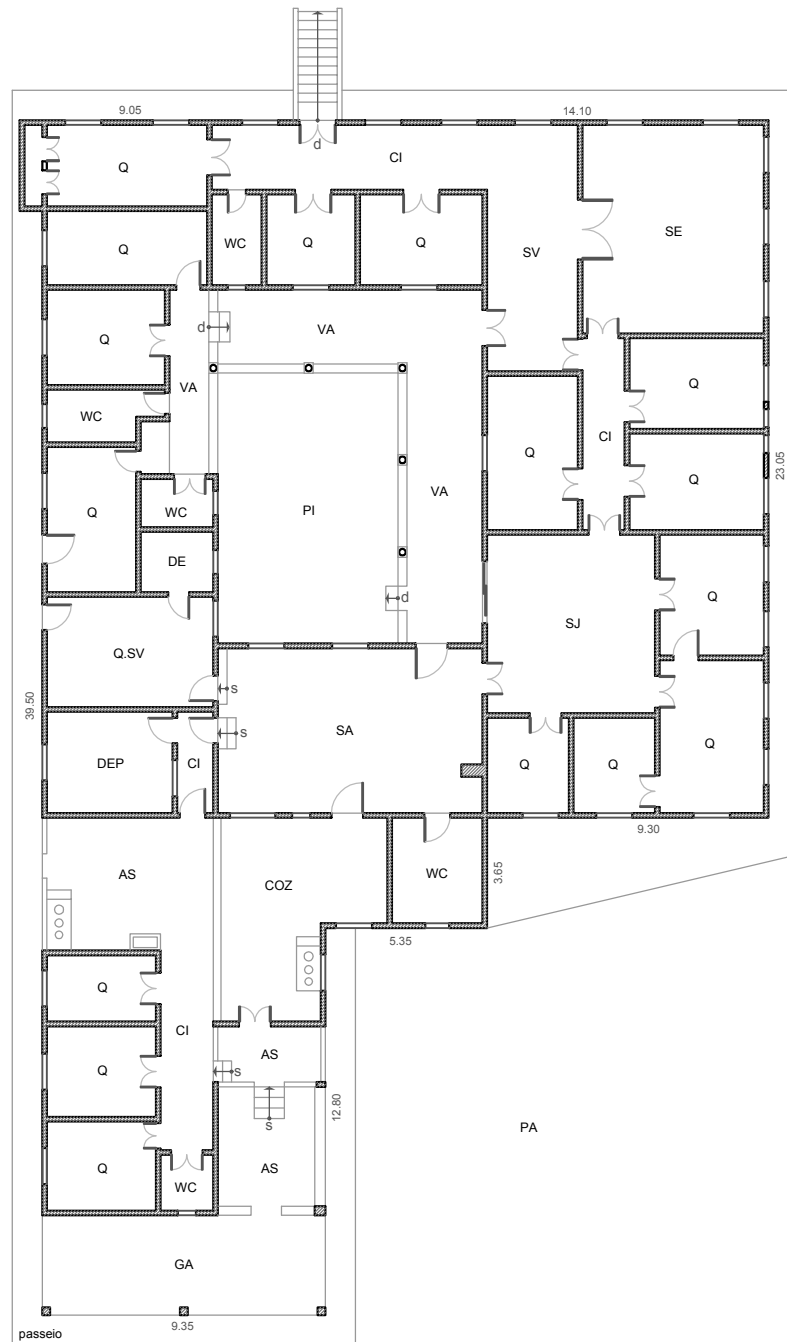


PO - porão

▨ alvenaria existente

▤ alvenaria demolida

**FAZENDA SALGADA**



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.

escala: 1/250



AS - área de serviço	DE - despensa	PA - pátio	Q.SV - quarto de serviço	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	DEP - depósito	PI - pátio interno	SA - sala de almoço	SV - sala de visita		alvenaria demolida
COZ - cozinha	GA - garagem	Q - quarto	SE - sala de estar	VA - varanda		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVII - F01- Ita

**3/3**

equipe:  
Marcelo S. de Martino/ Vítor C. Lage/Lia Márcia de Paula Bruno

desenhista:  
Jeancarlo Rabelo Ferreira

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
abril 2010

Segundo o major Porfírio Henriques em sua obra *A terra da promessa*, por volta do ano de 1840, chegou a Nossa Senhora da Piedade da Laje, nome primitivo do atual município de Laje do Muriaé, vindo de São Paulo do Muriaé, atual município de Muriaé-MG, o Sr. Francisco Antônio de Cerqueira. Ao se casar com D. Umbelina Bastos Cerqueira – filha do alferes José Bastos Pinto, doador dos terrenos onde se formou a então Vila de Laje do Muriaé – foi fixar-se na Fazenda Salgada, que desbravou e cultivou.

De acordo com o livro *Fazendas históricas de Itaperuna*, editado pelo Colégio Estadual Chequer Jorge, *“esta fazenda foi construída por escravos, sendo a madeira extraída para a obra lavrada na própria região, chegando a constituir uma das mais suntuosas e progressistas fazendas da região.”*

O cel. Adelino Garcia Bastos adquiriu a Fazenda Salgada de seu pai, o cel. José da Silva Bastos – que foi chefe do Partido da Lavoura de Pádua e presidente do Clube Agrícola de Miracema – e de D. Ana Garcia Bastos, também proprietários da Fazenda do Tyrol, localizada na divisa de Miracema com Laje do Muriaé. Era muito conhecido por ter fundado, no início do século XX, um clube agrícola que editava e imprimia na própria fazenda a *Revista da Lavoura* e o *Jornal O Agrário*, que publicava artigos dos sócios e de pessoas interessadas nos problemas rurais, do comércio e da indústria, e defendia a difusão do ensino primário, a preservação e construção de estradas de rodagem, o trato dos problemas sociais, e de *“amparar o fraco contra o forte, colaborar com os homens de boa vontade no surto da verdadeira e sã política, filha da razão e da moral, em suma agir dentro da lei e da ordem para que não se deturpem os sagrados princípios republicanos.”*

Foi na época do cel. Adelino que a fazenda mais prosperou (f62 e f63). O cel. Adelino, além de fazendeiro, era também comerciante e proprietário de uma exportadora de café no Rio de Janeiro, para onde era enviado todo o café produzido nas fazendas de Itaperuna e de Miracema. Em 1929, junto a outros fazendeiros e comerciantes, fundou a Associação Agrícola e Comercial do Município de Itaperuna.

*“A fazenda possuía 330 alqueires onde residiam cerca de 60 a 80 famílias, sendo que as mulheres eram selecionadeiras de café e os homens trabalhavam na lavoura”*.

Do *Jornal O Agrário*, nº 49, ano 20, de 20/11/1927, em artigo de autoria do Sr. Humberto Perlingeiro, extraímos informações sobre a introdução do café conilon. *“... A respeito do assunto eu posso dizer com segurança precisa, pois a Fazenda Salgada, onde resido há oito anos, já cultivava largamente essa nova espécie de café e eu tenho acompanhado com muito interesse a maneira porque esse trabalho é feito e quais os resultados alcançados por essa lavoura, que com razões bastantes, é tida como reformadora dos nossos campos de ação agrícola.”*

Segundo o autor do artigo, seria uma injustiça falar do conilon sem associá-lo ao cel. José da Silva Bastos, considerado a potência máxima do norte do estado, não pela riqueza que acumulou, mas pelo desenvolvimento agrícola, pelo *“seu trabalho perseverante e destemido das mutações porque passou e dos desequilíbrios que*



Acervo de Gislene Bastos de Oliveira

---

*em longos anos passados, sofreu a lavoura cafeeira no mercado comercial...”*

*E prossegue: “... Quando o cel. José Bastos viu que ao redor desta fazenda os velhos cafezais se desvestiam para a morte, não pensou ele em pasto não cogitou no gordura roxo nem no Jaraguá, não sonhou com o gado. Acordado por uma notícia sobre o conilon, espécie que entrou no intercâmbio agrícola sem que se precise claramente, como se dá com as demais espécies, a sua origem, o coronel José Bastos mandou longe e de lá lhe vieram, por preço de brilhantes trabalhos, uns poucos litros do conilon em cereja. Plantou-os com carinho e desse plantio surgiram alguns pés que cresceram sempre viçosos. Desses pés obtive novas sementes e novos plantios foi fazendo, seguindo seu filho, o cel. Adelino Bastos que lhe comprou há anos esta fazenda, a mesma orientada prática, estando se registrando aqui colheitas bem boas e que compensam em tudo o trabalho despendido no cultivo das lavouras.”*

Em 1929, a queda da bolsa de Nova Iorque provocou a queda do preço do café. Como consequência, houve no Brasil uma onda de falências e concordatas que afetou diretamente os fazendeiros de café e todos aqueles que indiretamente dependiam do seu cultivo.

*“No município de Itaperuna, que já ostentou o título de maior produtor de café do Brasil, a situação não foi diferente. Para driblar a crise, a solução foi investir na pecuária, tornando-se a Fazenda Salgada a maior produtora de leite da região.*

*A fazenda, sob a administração do Sr. Rubens Garcia Bastos, filho do Sr. Adelino, tornou-se modelo na produção e melhoramento de gado leiteiro, para onde vinham estudantes de veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFFRJ, pesquisar e aplicar a inseminação artificial trazendo sêmen, inclusive de Porto Alegre/RS. A ligação da fazenda com a produção leiteira pode ser vista pelo fato do Sr. Rubens Garcia Bastos ter sido o fundador da CAPIL (Cooperativa Agropecuária de Itaperuna), aglutinando produtores de toda região.*

*Havia também a criação de suínos chegando a exportar três caminhões de porcos por mês para Cataguases, Muriaé e Mirai. Entre as benfeitorias presentes na época constavam engenho de açúcar, charqueada, máquina de café, máquina para beneficiamento de arroz e serraria”.*

Segundo o Sr. Oswaldo, morador da fazenda há cinquenta e seis anos, a Salgada era considerada uma vila e o movimento era grande, já que a estrada para Itaperuna passava em frente à casa-sede. *“Aqui tinha cinema, banda de música, padaria, farmácia, telefone, cartório e agência dos Correios e Telegrafos.”* Contou-nos ainda que, nos finais de semana, era um movimento só de gente entrando e saindo da venda. Relatou que muito concorridas eram as festas em louvor a São José, realizadas anualmente, em que aconteciam grandiosos bailes, jogos de futebol e missa rezada pelo padre de Laje do Muriaé, além das rodas de caxambu tocadas pelo



Acervo de Gislene Bastos de Oliveira

---

Sr. Joaquim Moura, também morador da fazenda naquela época.

Ainda segundo o Sr. Oswaldo, a capela, que tem o culto dedicado a São José, foi construída há mais ou menos cinquenta e quatro anos, obra da qual lembra-se, orgulhoso, de ter ajudado carregando pedras e tijolos.

O livro editado pelo Colégio Estadual Chequer Jorge, que foi produto de um trabalho escolar realizado por alunos e professores, registra que “*muitas personalidades pisaram naquelas terras, entre elas o Brigadeiro Eduardo Gomes (f64), Tenório Cavalcanti, Raul Travassos, Rubens Vieira Leite, Conçentina Gargano Leite, Luis Monteiro de Barros, entre outros.*”

Em 1966, a fazenda foi vendida para Hamilton Abreu Leite, cabendo por herança a seu filho, Luís Fernando Padilha Leite. Nessa época, a produção dos seus 150 alqueires de terras era basicamente o gado de corte. Mais tarde, Luís Fernando realizou um trabalho de melhoramento genético do Guzerá para aptidão leiteira, tornando-se uma experiência inédita, uma vez que o Guzerá puro, cruzado entre si, tem sido comumente usado para corte. Outra característica dessa gestão foi a introdução da bubalinocultura (criação de búfalos) na região noroeste do estado, visando a produção leiteira, pois, apesar de rústico, se têm notícias de animais que chegaram a produzir 10 litros/ordenha.



Livro *Fazendas históricas de Itaperuna*, página 85

64

A fazenda, agora com aproximadamente 130 alqueires, foi vendida ao Dr. José Dario, que, por sua vez, a transferiu, através de compra, ao Sr. Antônio Oggioni Sobrinho, seu atual proprietário, que mantém a linha de produção com gado leiteiro e lavoura de feijão. Com muito entusiasmo e dentro de suas possibilidades, vem realizando obras de recuperação da casa-sede e procurando manter algumas das benfeitorias ainda existentes, como a serraria, casas para colonos e uma antiga construção que outrora serviu como armazém da fazenda e onde também funcionou o cinema. A obra mais importante recuperada pelo Sr. Antônio, entretanto, foi o resgate da hospitalidade dos antigos solares fluminenses.

#### Bibliografia:

<sup>1</sup> COLÉGIO ESTADUAL CHEQUER JORGE. *Fazendas históricas de Itaperuna*. Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda., 2005.

HENRIQUES, Porfirio. *A terra da promessa*. História de Itaperuna, obra póstuma. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1956.

*Jornal O Agrário*, ano 20, nº 49, de 20/11/1927.